

Sueli Jorge da Silva Bernardo
Universidade de Pernambuco - UPE

Quilombo de Trigueiros e suas Narrativas Memoráveis

Atena Editora
Ano 2023

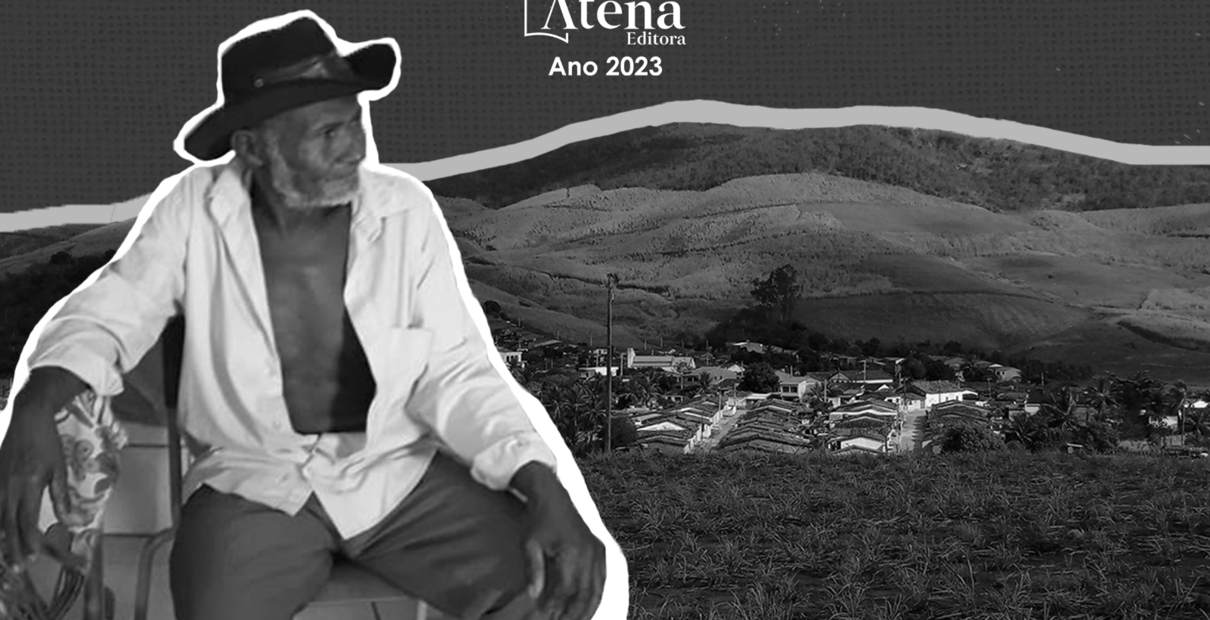




Sueli Jorge da Silva Bernardo
Universidade de Pernambuco - UPE

Quilombo de Trigueiros e suas Narrativas Memoráveis

Atena Editora
Ano 2023



Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Imagens da capa
Foto paisagem: Associação Quilombola/2020
Foto do artesão: Bernardo, 2019
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Quilombo de Trigueiros e suas narrativas memoráveis

Diagramação:	Letícia Alves Vitral
Correção:	Maiara Ferreira
Indexação:	Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão:	Lenilton Damião da Silva Junior
Autora:	Sueli Jorge da Silva Bernardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B523 Bernardo, Sueli Jorge da Silva
Quilombo de Trigueiros e suas narrativas memoráveis / Sueli Jorge da Silva Bernardo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1466-7
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.667232305

1. Quilombos - Brasil. I. Bernardo, Sueli Jorge da Silva. II. Título.

CDD 305.89081

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Mestrado Profissional em Educação

Coordenação do PPGE
Adlene da Silva Arantes
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel

Orientadora
Amara Cristina de Barros e Silva Botelho

Co-Orientador
Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho

Edição
Sueli Jorge da Silva Bernardo

Revisão
Lenilton Damião da Silva Junior

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

Dedicatória

“ Dedico esta coletânea de narrativas orais primeiramente a Deus, por ser essencial e presente em minha vida, autor de meu destino, meu guia, meu socorro presente na hora da angústia. Dedico também a toda minha família que segurou minha mão e me ajudou a seguir.

Dedico especialmente aos professores, colaboradores e alunos da Escola Municipal Alfredo Gomes de Araújo(Rede Municipal de Vicência-PE) ,que foram caminho e parceiros nessa caminhada.

Aos moradores da Comunidade Quilombola de Trigueiros, estes que foram os principais atores e protagonistas, sem os quais seria impossível traçar uma linha temporal da resistência que chamamos de Quilombo e que representa a luta pela liberdade e automomia social tão desejadas por essa fatia da população que resistiram ao regime escravocrata que vigorou no Brasil por mais de 300 anos e que só foi abolido em 1888, entre outros modelos de sociedade.

Dedido por fim aos parceiros: João Milanêz, José Bonifácio, Manoel João (Sr. Neco), Dona Joselita Guedes, José Severino (Sr.Goiô), Dona Inês Joana (a Benzedeira da comunidade), Benedito José (Sr Mito, artesão) e Sr.Gilvan Correia que com muito carinho, respeito e apoio, não mediram esforços para a consolidação da proposta.

Dedico a Universidade de Pernambuco (UPE) que me proporcionou a experiência de uma produção compartilhada na comunhão de amigos em espaços diversos, que já entraram nas lembranças das melhores experiências da minha formação acadêmica.

Todos acima citados representam minha obra e são como lanternas que iluminaram meu caminho e ajudaram a realizar esta conquista.”

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço, por ter me sustentado durante toda a caminhada. Aos sete professores participantes deste estudo, que abraçaram a proposta e juntos fizeram com que as narrativas orais da Comunidade Quilombola de Trigueiros ultrapassem os muros da escola através de uma prática pedagógica inovadora.

Aos moradores da comunidade quilombola por ter recebido os professores participantes da pesquisa e seus alunos em suas residências de forma tão acolhedora.

Ao presidente da associação quilombola, João Milanês, à professora Edriane Cruz e ao Professor Romero Almeida, pelo apoio tanto no curso de mestrado como também no decorrer da pesquisa de campo na escola quilombola, pelas partilhas dos sucessos e angústias vivenciados durante este percurso.

Ao ex-aluno ,André Luís,pela disponibilidade e apoio incondicional, minha sincera gratidão.

A Profª Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho da UPE, pela orientação no decorrer de todo o processo de escrita da dissertação durante os dois anos, com seriedade, desprendimento e paciência não medindo esforços para chegarmos à finalização deste trabalho científico.

Ao Co-orientador da pesquisa, o Profº Jacinto Santos, pelas sábias orientações e apoio fundamental.

A minha família que foi e é minha fortaleza e porto seguro.

Às amigas e parceiras de trabalho e da vida Suzeanny Magna e Maria José Onorato, obrigada por me encorajar nesta trajetória, com vocês ao meu lado o caminho se tornou bem mais leve.

A todos e todas que me ajudaram durante o percurso, muito obrigada!

Em agosto de 2018, ingressamos no Programa de Pós-Graduação S*tricto Sensu*- PPGE da UPE Mata Norte e, na qualidade de mestranda, tivemos, na ocasião da seleção, que apresentar um Pré-Projeto para Linha de Pesquisa Formação de Professor. Optamos, então, por continuar trabalhando com a Comunidade Quilombola de Trigueiros, localizada no Município de Vicência, como detalharemos no decorrer desse livro cartoneiro, produto final da nossa pesquisa de Campo, cujo projeto tinha inicialmente por título: *A valorização do Conhecimento Quilombola por meio da Prática Pedagógica com Narrativas Orais Curtas.*

Ressaltamos que o projeto em questão, orientado pela Profa. Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho, foi encaminhado ao Comitê de Ética e obteve aprovação, conforme CAAE número 10381310700005207.

Após a aprovação pelo Conselho de Ética em decorrência da Pandemia, COVID 19, tivemos que alterar o produto final do trabalho que seria, após as oficinas de Formação dos Professores, acompanharmos o trabalho pedagógico com os alunos, os quais, a partir das narrativas orais colhidas nas entrevistas com os moradores mais antigos do Quilombo de Trigueiros, produziriam contos sobre os temas que mais lhes chamassem a atenção, sendo esse o produto final a ser publicado. Contudo, o isolamento social, oficialmente aprovado em 18 de março de 2020, no Estado de Pernambuco, nos impediu de finalizar essa proposta, tendo nossa intervenção sido interrompida, o que exigiu a mudança do título da dissertação para *A formação de professores e a memória quilombola: uma intervenção pedagógica na comunidade de Trigueiros-PE.* Salientamos que, a partir desse momento, passamos a contar com a co-orientação do Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho.

Em decorrência dessas alterações, resolvemos que o produto final a ser publicado seriam as entrevistas com os moradores da Comunidade Quilombola, as quais, após serem analisadas, poderão ser utilizadas em propostas didáticas que tenham por finalidade levar todas as Escolas da Gerência Regional da Mata Norte, em especial as Escolas de Vicência, a discutir a importância da preservação da memória e da identidade do povo Quilombola de Trigueiros, partindo das entrevistas transcritas, seguidas de comentários analíticos.

Esperamos que esse produto contribua para criação de propostas pedagógicas, por parte da equipe técnica pedagógica e coordenação de ensino da secretaria de educação, em especial do Município de Vicência, que promovam a preservação da identidade e da memória da Comunidade Quilombola

Trigueiros, uma vez que, excetuando o *lócus* da pesquisa, as demais escolas não incluíram ainda em seus currículos eixos que contemplem essa discussão, apesar de Trigueiros se encontrar tão próxima daqueles que trabalham na área de educação na Região da Mata Norte.

Memória quilombola

Vou montar esse cordel
De um jeito diferente
Falando da nossa história
De um povo consciente
Vamos falar de Trigueiros
Que é a terra da gente.

Trigueiros tem muitas lendas,
Contadas por nosso povo.
Também tem comidas típicas,
Bolo, beiju e tapioca de coco.
Seu Mito, seu Neco e seu Goiô
Relembram tudo de novo.

Também temos na comunidade um morador
muito antigo conhecido como "pai da mata",
E junto com seus amigos
Levam tatueira e cachorros
Caçando o que lhe agrada.

Para falar da nossa cultura
Não precisa muita coisa
Nem dinheiro e nem manjar
Apenas saber contar um pouco
Da nossa história pra o povo despertar.

A memória cultural da comunidade quilombola
Está nas comidas, na história e no falar
Ouvir um pouco e saber contar nossa história
Aqui tem cultura e sabedoria popular
O que precisa é saber valorizar.

Autor: Turma do 4º ano da Escola Alfredo Gomes de Araújo - Mediada pela Professora P6.

O QUILOMBO ANTES



Fonte: Associação Quilombola de Trigueiros (2012).

O QUILOMBO ATUALMENTE



Fonte: Don Digital (2017).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O avanço da sociedade na segunda metade do século XX, demarca a importância que a memória coletiva desempenha nas comunidades de tradição oral. Na década de 70, a história oral passou a ser discutida no ambiente acadêmico. Após várias discussões teóricas e esforços houve, então, a articulação da memória com a oralidade e a linguagem. Paul Thompson foi o pioneiro a realizar este trabalho de relacionar memória, oralidade e linguagem, com a finalidade de defender a legitimidade acadêmica do relato oral e abordar seus principais aspectos teóricos conceituais e técnicos. No Brasil, o movimento da história oral ecoou nos anos 90, envolvendo profissionais e instituições e se ramificou por todas as regiões. Atualmente, existem inúmeros centros de referência em história oral e memória em todo país, graças ao acúmulo de experiências e avanços tecnológicos (SANTHIAGO, 2015).

É na memória que ficam registrados os conhecimentos. Cada fato fica depositado, como uma relíquia da verdade em forma de palavra, das imagens e dos sentidos. As histórias ocorrem de forma linear, mas sabemos que, no decurso da vida, passamos por diversos momentos que nos impulsionam a buscar saídas, desvios, enfrentamentos, entre outros obstáculos, que demostram que a nossa memória se fragmenta e precisa se reinventar. A memória transfigura as emoções já vividas, pois é nela que "o passado se conserva inteiro e independente no espírito" (BOSI, 1995, p. 51).

É através da memória que os sujeitos descobrem a si mesmos e o mundo que os cerca, revelando, assim, a importância da experiência para a nossa formação intelectual, social e cultural. Ela é elemento essencial para fortalecer a identidade, seja individual ou coletiva, tribo ou comunidade. Ao longo do tempo, histórias são contadas e ouvidas por toda parte e por todo tipo de pessoas. Assim, a história oral não se enquadra na categoria da novidade, pois tem lugar cativo na história da humanidade, passando de geração a geração.

Considerando as narrativas orais como a fonte de informações deste trabalho, foram usadas memórias narradas através de entrevistas que foram realizadas com oito moradores da comunidade com faixa-etária entre 50 a 76 anos de idade, onde foram analisadas as respostas de cada um dos entrevistados. Este momento foi direcionado pela pesquisadora e a realização e mediação foi de responsabilidade dos professores envolvidos na pesquisa, juntamente com seus alunos, os quais seguiram um roteiro e ouviram os moradores da comunidade.

Nessa perspectiva, o presente projeto apresenta narrativas orais, várias histórias da comunidade quilombola de Trigueiros, mostrando a riqueza cultural, história de superação

e lutas, as quais, mesmo sendo pouco reconhecidas e registradas, a maioria deles se reconhece como quilombola. O sentimento pertencimento começou a mudar a partir do desejo da comunidade de buscar o desenvolvimento de políticas públicas voltadas especificamente para a educação quilombola, o que propiciou à escola construir sua própria proposta curricular para despertar nos profissionais uma prática pedagógica diferenciada, reconhecendo que o conhecimento se torna significativo quando se parte das experiências socialmente construídas dos indivíduos. Destaque-se que, no intuito de promover um aporte teórico para subsidiar práticas pedagógicas, foram registradas as seguintes narrativas, com o objetivo de reconhecer e valorizar o tema como elemento de fortalecimento identitário.

COMUNIDADE QUILOMBOLA E SEU ASPECTO SOCIOGEOGRÁFICO

Vicência é uma cidade da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Situada no vale do Sirigi, tem uma população estimada em 32.014 habitantes e possui uma área de 250,37 km². Vale salientar que sua população é maior no campo pelo fato do município ter quatro distritos: Angélicas, Borracha, Murupé e Trigueiros. Sua história é marcada pela rica presença dos engenhos de cana-de-açúcar e contamos com suas belezas naturais, como a imponente serra dos Mascarenhas que corta boa parte do município, onde impera um dos seus engenhos de cana-de-açúcar, o histórico Jundiá. A proprietária de um rancho hospedava almocreves e tropeiros que faziam a ligação litoral-interior, que neste período faziam transporte de mercadorias. A partir do rancho e de uma capela construída por Dona Vicência em devoção à Sant'Ana, surgiu esse povoado.

A presença dos engenhos de cana-de-açúcar foi o carro chefe da produção agrícola-econômica da capitania de Pernambucano, tanto no período colonial como no imperial. Segundo historiadores, existem vestígios desta produção açucareira até meados do século XX.

Localizada atualmente dentro dos limites de Vicência, a comunidade de Trigueiros fica a 11 km da sede do município e a 87 km do Recife. As terras onde fica Vicência hoje faziam parte da capitania de Itamaracá que, posteriormente, juntou-se a Pernambuco e serviu como entreposto entre o interior de Pernambuco e a Paraíba com o litoral.

Neste contexto, a referida comunidade foi criada em uma região de Mata Atlântica onde os negros se refugiavam de seus senhores por ser um lugar rico em manancial aquífero e a fartura de alimentos com relativa facilidade.

A localidade hoje denominada Trigueiros se deu pelo aglomerado de negros existentes nesta comunidade, antes pertencente à cidade de Nazaré da Mata, que era rica em caça e lavoura de subsistência. Nela, a população local vivia em cabanas de palha, perseguida pela polícia de Nazaré comandada pelo coronel da Barra (Senhor Benjamin Azevedo), terror da época, junto com o negro Vidal, seu criado, o qual o chamava de "Vidá", carrasco que aterrorizava os escravos, praticando as maiores atrocidades.

Na época, os negros plantavam para sua subsistência, a religião predominante era o candomblé. Todavia, atualmente, pela excessiva discriminação sofrida, prevalecem as religiões católica e protestante. Com a expansão da cana-de-açúcar, foram criadas pequenas propriedades entre elas a Chã dos Cazuzas, fração de terra dividida em 1876. Aos poucos, foi incorporada a outras e deram origem ao Engenho Trigueiros(desativado),

nome dado à comunidade já existente.

<table>
<tr><th>1. Região/ Estado</th><th>3. Município/Distrito</th></tr>
<tr><td>
Fonte: Wikipédia (2020).</td><td rowspan="3">
Fonte: Don Digital (2017).</td></tr>
<tr><td>2.Estado/ Município</td></tr>
<tr><td>

Fonte: Google (2020).</td></tr>
</table>

Figuras 01 a 03: Localização geográfica do Distrito de Trigueiros, Vicência-Pernambuco.

Conforme a figura 4, a localização do município fica na Zona da Mata Norte de Pernambuco, sendo que esta comunidade abriga aproximadamente 385 famílias, sobrevivendo do trabalho rural, aposentadorias, bolsa família, auxílio emergencial, uma olaria ceramicista de tijolos e uma pequena fração de serviços públicos. Recentemente, com a instalação da indústria de automóveis na região, criaram–se novas oportunidades de emprego, apesar de ainda ser considerado de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e baixa renda.

O processo de pedido de autodefinição nos territórios quilombolas acontece através de um levantamento minucioso de documentos e relatos dos moradores antigos, porém é preciso que haja uma relação histórica com o território reivindicado para estes fatores constarem no pedido de autodefinição enviado à Palmares, que é a instituição responsável pela análise das informações e pela Certidão de Autorreconhecimento.

Trata-se de uma das três comunidades rurais reconhecida e certificada[1] pela Fundação Cultural Palmares. A primeira foi a comunidade quilombola de Povoação, localizada no município de Goiana, com portaria nº26/2005 de 08 de junho de 2005. Trigueiros foi a segunda e única comunidade quilombola reconhecida e certificada com associação própria. Foi legalmente certificada em 12 de junho de 2008 e publicada no Diário Oficial em 04 de agosto de 2008 como Remanescente de Quilombo. A terceira foi

1. Comunidades Certificadas são aquelas que possuem processo aberto na FCP e atenderam às exigências do Decreto nº 4.887/2003 e da Portaria nº 98, de 26/11/2007, que determinam os procedimentos para emissão da Certidão de Autorreconhecimento.

a comunidade de Barro Preto, localizada no município de Lagoa do Carro, cuja portaria é registrada sob o nº 19/2013 de 19 de setembro de 2013, todas da zona da mata norte.



Figura 04: Comunidade Quilombola de Trigueiros.
Fonte: Associação Quilombola de Trigueiros (2012).

A figura 04 apresenta o Quilombo de Trigueiros com sua paisagem exuberante entre serras. É válido destacar que as comunidades quilombolas viveram as transformações próprias da realidade social brasileira e, neste sentido, apesar das mudanças, a referência e a relação com suas memórias, raízes tradicionais e identidade histórica continuam sendo preservadas. Dessa maneira, renovam-se suas práticas, sem abandonar o vínculo com o passado. Assim, a vivência nessas comunidades apresenta-se de forma muito mais dinâmica.

Em relação à dimensão social, as famílias desta comunidade vêm sendo acompanhadas pela Associação Quilombola de Trigueiros (AQT), reconhecida em 04 de novembro de 2008, com o CNPJ nº 10.507.413/0001-10. Destacamos o processo de luta na comunidade de Trigueiros para que pudessem legalizar e ter acesso aos benefícios garantidos às famílias, tendo sido necessários muitos encontros, a fim de sensibilizar a comunidade quanto aos seus direitos.

NARRATIVAS ORAIS COMO INSTRUMENTO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Considerando, assim, a tradição oral e os saberes prévios dos estudantes, torna-se fundamental trabalhar a partir do conhecimento local. Destaque-se que os conhecimentos adquiridos ao longo da experiência da comunidade estão ligados ao cotidiano dos estudantes e direcionados às construções a respeito da leitura e da escrita advinda das experiências que a vida lhes proporciona, estes produzidos nos ambientes escolares ou historicamente.

As respectivas narrativas trazem evidências históricas da resistência da comunidade quilombola diante das adversidades da construção social, bem como a importância de reconhecer o indivíduo enquanto sujeito histórico.

NARRATIVA ORAL I

Comunidade Quilombola de Trigueiros: Reconhecimento, Luta e Resistência



João Milanêz da Silva
Fonte: Bernardo (2020).

João Milanêz da Silva, representante da AQT- Associação Quilombola de Trigueiros e referência na busca de ações que favorecem a conquista e permanência do título, relata sobre o processo de fundação da associação:

> Na verdade, aconteceu pela necessidade e uma organização onde juridicamente tivesse poder, e precisava realmente organizar enquanto comunidade. Quanto associação, juridicamente, a gente precisava se organizar para que o povo pudesse acessar as políticas públicas como

alguns projetos, e esse processo não foi fácil. Todos nós da comunidade, a gente se organizou, a gente pediu ajuda a um, ao outro, vendendo cocada, vendendo milho, munguzá e tapioca, fazendo festas para que a gente arrecadasse dinheiro para que a gente pudesse pagar os custos do cartório. E a gente não queria envolver a política dentro do processo, sabendo que é muito importante parceria dessa política, né?

Mas que a gente nunca aceitou. E isso foi discutido dentro da própria associação, no próprio estatuto, que a gente tem que saber separar essa política partidária da política pública, porque os dois realmente, assim, não andam juntos.

Hoje, a associação tem uma cara, tem uma história na comunidade, no nosso Município e Estado. Depois da sua atenção excitada, as coisas realmente têm melhorado nas comunidades. Acessar alguns projetos aqui na comunidade, melhoria da saúde, educação e outras coisas, mas que realmente não é fácil manter o que é, porque realmente é um trabalho voluntário, não tem fins lucrativos não. Temos ajuda de ninguém. Eu só saio, mas é muito difícil a contribuição das pessoas. O nosso maior desafio é manter a associação viva, ela organizada, toda legalizada. Realmente, falta a questão de recurso.

Em seu discurso, deixa explícito que a necessidade de parcerias para a conquista de políticas públicas foi fundamental para o andamento no processo de titulação. Comenta "que o nosso principal parceiro é a própria comunidade. Se ela não tiver junto, realmente assim, a gente não consegue nada e fora a associação, tem Governo Federal, Governo do Estado e Governo Municipal, ONGs e amigos que abraçam a causa, no caso o nosso movimento."

A gente tem sempre se baseado nos projetos de lei que existem que determinam e que é direito, né? Todos nós, quilombola, através de leis que deem acesso a essas políticas, onde nós nos organizamos e definimos o que é prioridade e contamos com apoio da CONAQ[1], que representa todos os quilombolas do Brasil e vem trazendo para os seus estados e municípios onde a entidade, no caso a associação, discute com seus moradores o que é prioridade e busca a efetivação dessas políticas, sempre cobrando, seja do governo Municipal, Estadual ou Federal, na verdade, o que é nosso direito. E é mostrando a eles o que é necessidade, porque, muitas vezes, eles querem implantar políticas que não são prioridade para nós. Através dessas leis, onde eles mesmos dizem que nossos direitos são garantidos e que quem sabe o que é prioridade somos nós, a gente tem sempre batido nessa tecla. O que é prioridade para nós é ir buscar realmente efetivação dessas políticas para esse povo no total acordo com a comunidade e ver o que é prioridade.

Na verdade, a gente não tem o projeto realmente de preservação, mas a gente sempre tem em nossa comunidade pessoas que contaram e contam a nossa história, que ajudaram realmente a falar um pouco da nossa história no antepassado. Inclusive, na própria Associação, existem vários banners onde tem várias pessoas que têm dado seu testemunho de luta, perseverança, de acreditar numa comunidade que as coisas possam acontecer tudo melhor, como, por exemplo, Dona Mila, Dona Dorinha foguista, que tem história da mãe dela que era Parteira, o pai dela era trabalhador no engenho de açúcar, Seu José Severino, conhecido como Goiô, Dona Iraci, dona Raquel e outras

> pessoas que falam da nossa comunidade, desde quando começou a luta até os dias atuais que a luta continua. A gente não pára, sempre acontece algum obstáculo e é importante que a gente esteja de mãos dadas para lutar, para que realmente as coisas venham a acontecer de melhor para nossa comunidade.
>
> Sempre falo que Associação não é diretoria. Associação é comunidade, e é importante que todos estejam unidos para que possamos vencer esse desafio, porque a luta é constante e, no dia a dia, sempre vai acontecer. E, se a gente não estiver organizado, a gente realmente não vai conseguir.
>
> Na questão da discussão da CONAQ, que representa todos os quilombos de Pernambuco, que quer dizer Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, e é lá em Brasília, onde tem representantes de vários estados, né? Onde tem o representante de Pernambuco, que repassa todas as informações e andamento de projetos de políticas públicas, como a gente acessar os desafios e as dificuldades de enfrentamento e como se deve fazer todo o processo e onde a gente traz essa informação para todo o colegiado, que é comunidade, através da associação e mostra nossos direitos. E a gente ver o que é prioridade e o que é necessidade, porque o que é necessidade pra determinada comunidade pode não ser para a gente. A gente tem sempre buscado trabalhar em conjunto com parceria no coletivo.

No que condiz ao processo de preservação da historicidade e memória do povo quilombola, João relata a necessidade de documentos para a garantia dos direitos quilombolas, mas eles não possuem projetos legais que orientam a causa, mas ressalva que:

> a gente tem sempre buscado preservar a história dessas mulheres, desses homens que lutaram e aqueles que ainda estão entre nós, lutando através da sua história de sofrimento, de luta de sobrevivência, para que esteja hoje aqui, né, com esses avanços. Na medida do possível, precisa melhorar muita coisa ainda. Aí, através dessas histórias, dessas memórias contadas por estas mulheres e homens que guardamos aqui representados em banner, mostrando a história de cada um, ou seja, eles falando tudinho, é que as pessoas realmente têm esse conhecimento, né. As pessoas têm a oportunidade de chegar na associação e encontrar esses banners lá com a história e foto desses atores que contribuíram para a história de nossa comunidade.

NARRATIVA ORAL II

Comunidade Quilombola de Trigueiros e a Memória Cultural



José Bonifácio da Silva
Fonte: Bernardo (2020).

Há mais de 40 anos morando na comunidade de Trigueiros, José Bonifácio conta como foi sua história, trazendo na memória os mais belos contos e recordações que serão eternizados naquela terra.

> Eu, José Bonifácio, habito em Trigueiros há 40 anos. Não me considero quilombola, porque é uma coisa que meu pai falava, que Trigueiros, na época passada, na antiguidade, tinha muitas pessoas que era catimbozeiro. Aí, ficava naquela história que, por onde andasse, o povo só dizia que Trigueiros era terra de catimbozeiro. Aí, eu acredito que essa história de quilombola é meio armada.

Sr. Bonifácio contou fato marcante de sua infância, que vivera em Trigueiros:

> A festa naquele tempo, que existia um caboclinho e hoje a gente não vê, o babau, a ciranda que ela era no meio da rua, dançando no meio da rua, os batuqueiros no meio do povo. Hoje, é aquela mudança. É em cima do trio, palco... até os maracatus nas festas tinha. [...] e eu acho que a cultura mudou com o tempo. Acho que Trigueiros, como comunidade quilombola, era pra ter um ensinamento, uma aprendizagem, porque, já que a gente é de Trigueiros e é quilombola, pra não deixar a cultura, a arte se acabar. A cultura e a arte vai ajudar muito os meninos da comunidade, porque vai dar uma ocupação para eles. Que seja dança, capoeira [...] a gente vê, que em outros lugares, tem professores que não lucram nada com isso. São entidades que dão bombos, caixotes e instrumentos que já ajudam a ensinar a arte.

Corroborando com os relatos memoráveis, na esteira de Jolles (1976), sabe-se que os habitantes da Comunidade, nesse período, possuíam seus próprios costumes, danças

e religião. Esse entrevistado mostrou ser simpatizante do candomblé, quando rememora, também em seu relato, reconhecer-se com orgulho como sendo quilombola, fato que revela o sentimento de pertencimento a etnia afro.

Ao mencionar: “A festa naquele tempo que existia um caboclinho e hoje a gente não vê. O babau, a ciranda que ela era no meio da rua, dançando, os batuqueiros no meio do povo”, traz à tona as tradições dos estudos culturais, já mencionadas no tópico 3.2, em que a cultura é entendida tanto como uma forma de vida – “compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto como toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante”. (NELSON *et. al*., 2003, p. 14). Neste sentido, o resgate das festas tradicionais que se faziam presentes nos festejos da Comunidade demonstra o quanto houve modificações culturais no que se refere aos festejos e até às mudanças do ritmo das músicas e dos instrumentos utilizados. Mais uma vez, encontra-se no relato do Sr Bonifácio o que Jolles (1976) denominou de memorável, pois são relatos que revelam épocas históricas impossíveis de não aflorarem nos discursos dos entrevistados como fatos marcantes.

Perguntado sobre a renda de subsistência da família, José Bonifácio não existia, logo ressalta que “A fonte de renda aqui em Trigueiros sempre foi a agricultura, né. Naquela época, tava mudando da agricultura do milho, e minha família sempre sobreviveu da roça, da lavoura branca, como era falado. Mas, ai, fomos viver dos canaviais.”

Em sua simplicidade, conta como se dava a relação entre a comunidade e a cidade, quais mudanças foram estabelecidas com o passar do tempo:

> Mudou, porque, naquela época, não se tinha água, era água de cacimba. Hoje, o pessoal tem água encanada, tem poço artesiano e, na época, ninguém sabia o que era isso e pode-se dizer que o povo de Trigueiros tem outra vida. As casas eram de taipa, que, da frente, a gente via o quarto e até o quintal, porque era aquele buraco, as casas de taipa, e, hoje, a gente vê que demoliu Trigueiros quase toda, restando poucas casas com características daquele tempo. Por mim, deveria manter ao menos as faixadas das casas no modelo original, mas fazer o quê, né. A modernidade chegou aqui também. Quem conhece Trigueiros de quarenta anos trás e chega hoje, não reconhece. Existe praça e era aquela coisa não era planeado, cheio de buraco, que quando chovia, os carros atolavam dentro da rua.

FREIRE (2019,p.240-242) comunga que “O que pode variar, em função das condições históricas de uma dada sociedade, é o modo como testemunhar. O testemunho em si, porém, é um constituinte da ação revolucionária.”[...]” Se, para a elite dominadora, a organização é a de si mesma, para a liderança revolucionária, a organização é a dela com as massas populares.”

Neste linha de pensamento, o morador evidencia episódios que aconteceram na comunidade quilombola e que ficaram marcados na memória de muitas pessoas que acompanharam a saga dos irmãos galegos em busca de justiça social numa época onde o diálogo não era a melhor forma de resolver ou reivindicar qualquer ação opressora, menciona episódios que demonstram a cultura social empregada na época de sua juventude, a justiça que estava estipulada como esquema de convivência e faz narrativas da intensa relação do povo trigueirense:

> ...de vez em quando, os *pessoal* vinham insultar, arengar, e eles não levava desaforo pra casa. Às vezes, até para socorrer alguma encrenca, vinha querer atirar, ele queria até furar os outros, esfaquear. Eu mesmo, muitas vezes, entrava pra desapartar a briga e acalmar. Aí, a polícia chegava para prender e queria bater neles e meter bala. E isso eles não aceitavam né?!
>
> A polícia vinha para prender o povo daqui e eles não aceitavam, porque existia uma coisa aqui que tudo chamava a polícia. Aí, tinha muita gente que chamava eles de bandido, mas só que não era assim, além de que, quando tinha brigas aqui, se um entrava no meio da briga, todos entravam dentro para desapartar e nenhum leva desaforo para casa, né? Às vezes, eu até ajudava a desapartar a briga.
>
> Essa história dos irmãos galegos foi longe, muito longe e chegou em toda redondeza, e na verdade não foi bem assim. Às vezes, eu chegava no lugar e logo ouvia as pessoas falando :“olha os galegos, olha os galegos’’. Na verdade, é que eles não aceitavam o que a policia fazia com as pessoas daqui e eu dizia não é bem assim como o pessoal fala. A questão é que, muitas vezes, eles tiravam até gente de dentro do carro da polícia, porque achava que não havia necessidade daquilo tudo, da forma como os policiais chegavam na comunidade, sem nem se quer procurar o motivo das brigas e partiam logo pra agressão, prendendo gente que não merecia. E meus irmãos, embora em algumas vezes tivessem bêbados, outras não, eles achavam muito injusto, e partiam para cima deles, sem medo. E digo com toda sinceridade: vi muita polícia temer os irmãos galegos, justamente por conta de que eles não tinham medo quando sabiam que estavam com a razão. E minha mãe, dona Lindaura, estava cansada de entrar nas brigas deles para tentar acalmar.
>
> Na época, quando largavam do serviço da roça, eles gostavam mesmo era de sair de bar em bar. Mas sempre tinha um em que eles mais gostavam mais, né. Daí, a diversão era garantida, principalmente em tempos de carnaval, que até eu fazia parte das troças daqui de Trigueiros, mas sempre aparecia gente de fora para querer acabar com nossa brincadeira. Mas todos eles tinham um bom relacionamento com os moradores da comunidade.
>
> O que, na verdade, falam sobre os irmãos galegos é que nem tudo que comenta é verdade e, sim mesmo, eles com temperamento forte, eles não aceitavam que ninguém pisasse no seu pé por isso. Eles ficaram conhecidos dessa forma de serem brabos e, digo mais, essa história ficou conhecida por tudo quanto é canto viu.
>
> Aconteceu um episódio que eu lembro bem: foi no mercado público daqui mesmo, sabe? Neste dia, meus irmãos realmente já haviam tomado umas bicadas, mas, até então, estava tudo tranquilo. Até que, do nada, os policiais chegaram e foram logo neles, com toda grosseria. Só que um dos meus irmãos

respondeu ao policial com um palavrão. Aí, o negócio deu ruim. Não havia menos de vinte pessoas, não, dentro do mercado. O policial falou: Respeita a polícia, rapaz! E foi aquela confusão. E, nesse dia, partimos para cima, pois, se prendesse um deles, todos nós íamos juntos. Por que ele só agiu dessa forma, pelo fato de ser mau tratado por eles. Já era moda aqui naquele tempo. Toda confusão que acontecia na comunidade, eles já viam na certeza de que tinha um galego envolvido em uma dessas brigas. Mas eu, como irmão, digo sem medo: eles só não aceitavam injustiça e defendiam os mais fracos...

NARRATIVA ORAL III

Comunidade Quilombola de Trigueiros: as histórias do Pai da Mata



Manoel João de Araújo
Fonte: Bernardo (2020).

Sr. Manoel João de Araújo, conhecido como Sr. Neco, homem animado e disposto, contou que mora na comunidade há 55 anos. Ele se considera quilombola, afirma que "ter uma vida quilombola significa ter um pedaço de terra para plantar."

Em sua fala, deixou claro a satisfação de ter vivido neste lugar. Considera a comunidade quilombola legitimamente como registro identitário.

Diante de suas histórias, destacou um evento marcante em sua infância:

> O que marcou minha lembrança foi dos tempos de caçador onde a gente ia pra mata, caçava os *bicho* do mato, como lambu, rolinha para comer assada e tatu e, naquele tempo, a nossa casa era de taipa. Aqui tinha casa de farinha onde a gente fazia beiju e coco, tapioca e pé-de-moleque. Era tudo muito bom.

Conta que "vivia na lavoura do sítio e do corte da cana de açúcar onde trabalhava

no engenho ou nas usinas." Mesmo na infância dura com o trabalho, encontra sentido para a vida.

Sem sombra de dúvidas, Sr. Neco demonstrava imensa satisfação em recordar histórias inusitadas, as quais resgatam memórias da comunidade, vestígios de valores imensuráveis impregnados de emoção e suspense. Ele recorda, ainda, que:

> O povo dizia que existia, né. Mas eu nunca acreditava nisso mesmo não. Aí, eu fui caçar mais os meninos: Tie, Dimison e Carrim. Daí, quando eu cheguei lá no engenho chamado Cardoso, eu falei: "menino acaba com esse negócio." Ah, mas hoje de noite a gente encontra com ela (a cabra da meia noite). Então, seguimos *pra* outro engenho chamado Canabrava. Chegando lá, *damo* uma voltinha e *fomo* comendo jaca pelo caminho. Aí, quando pensa que não, *ouvimo* um gemido, um berrado mesmo, ali onde morava Maria Cardoso, quando os *menino viu* ela assim de frente, pense numa carreira da gota em cima de uma bola de "pela rabo". Os *menino entraro* na moita e eu não consegui subir, ficando, assim, embaixo do pé da barreira. Lá por volta da meia noite, vinha uns cachorros que *latia* muito e, mais uma vez, ouvia o berrado bem forte. De repente, tudo aquilo foi muito assustador. No dia seguinte, eu fui ver se tinha rastro, hum...Não tinha nada. Parecia que não tinha acontecido nada. Só acreditei, porque eu vi e dá medo.

Como desfecho da conversa, Sr. Neco conta que as mudanças na comunidade aconteciam rapidamente:

> A relação das pessoas daquele tempo mudou muito e *pra* melhor. A gente ia estudar na rua lá em Vicência e era pago. Agora, o governo paga tudo. Na volta, como a gente morava no sítio, quando a gente vinha da rua, ficava na casa de tia Mercês *pra* dormir, por causa dos cachorros *brabo* não *pegar* a gente no meio do caminho.

NARRATIVA ORAL IV

Comunidade Quilombola de Trigueiros: fatos memoráveis




Joselita Guedes Gomes de Lima
Fonte: Bernardo (2020).

Joselita Guedes, residente na comunidade de Trigueiros há mais de 60 anos, recorda que outros tempos que "dava para ouvir os passarinhos cantando e o barulho das árvores."

Dona Joselita se considera quilombola e vê a tranquilidade do lugar referência para o título. Comenta sobre lembranças de sua infância, onde outrora tem recordações belíssimas:

> Da minha infância, lembro que aqui não tinha calçamento. Era tudo estrada de barro. Só avistava as barreiras, serras e os pés de jurubeba. Ali, naquela moita, era lugar perfeito *pra* gente brincar de esconde-esconde. E, na frente de casa, no terreiro, a gente brincava de pular corda e fazer cozinhado. Nossa casa era de barro batido, bem simples mesmo. E ficava perto da casa grande, que era feita de tijolo manual. Já moça, comecei a namorar (...) muito engraçado ,um ficava longe do outro. Lembro que meus irmãos *tomava* conta dos bois. Eles saiam cedinho com seu jumentinho para apanhar capim e, na volta, já cansados e suados, mergulhavam no rio do coqueiro. Depois, saiam chupando manga pelo caminho a fora, mas o tempo foi passando e tudo está mudado né.

Ilustra sua infância de maneira contagiante, mostrando a pureza da vida simples.

Conta que a renda familiar era baseada na "plantação de macaxeira, milho, batata

e algodão.

As mudanças ocorridas na comunidade trouxeram mais conforto à população local. “O tempo foi mudando, né. E aqui, em Trigueiros, eu vi chegada do calçamento que antes os caminhos eram de barro, o fim dos engenhos, e a usina que tomou conta de tudo, plantando cana de açúcar.”

Em seu depoimento, Dona Joselita Guedes faz refletir a consciência de que “... vários educadores e intelectuais demonstravam a preocupação com o “destino da nação” e o “revigoramento raça brasileira” (ARANTES, 2018, p. 29), reforçando a relevância em preservar a memória local.

NARRATIVA ORAL V

Comunidade Quilombola de Trigueiros: Historicidade e Cultura



José Severino da Silva
Fonte: Bernardo (2020).

São perceptíveis nas falas dos participantes da pesquisa fatores que marcam a identidade quilombola, elementos que por si só categorizam tal referência, dentre muitos elementos como parentesco, histórias e conflitos.

No discurso do Sr. José Severino da Silva, conhecido como Goiô, natural dessa terra, ele revela que foi aqui que viveu toda sua história, por um tempo curto. Foi para Recife em busca de melhores condições de vida, mas não se adaptando, regressou e “aqui estou até hoje.”

Quando questionado sobre a identidade quilombola, responde naturalmente:

> Olhe, a gente nunca se considerou quilombola, porque não sabia nada dessa história. A partir da gestão da prefeita Dra. Eva Maria foi que ela veio fazer essas perguntas, reunião e apanhados daqueles mais velhos. Foi quando surgiu essa história de quilombola, porque a gente não entendia nada e precisou vir alguém de fora que apresentasse *pra* gente, tanto é que o povo daqui, quando fala se é quilombola, alguns ainda ficam meio assim, né. Na verdade, não é.
>
> Na minha vida, ser quilombola hoje é viver todo este resgate que a gente fez que foi passado de pai para filho. Ainda lembro quando meus pais contavam que aqui tinha uma comunidade de negros, de raça pura, tudo analfabeto e todos parentes. Mas eram povos que viviam isolados. Eles fugiam para mata. Isso já no fim do século XIX. Inclusive aqui também tinha um escravo chamado Sebastião Carreiro, que contava que o avô dele havia sido vendido 12 vezes e sempre escapava no meio do mato e, com o tempo, toda essa terra foi vendida, transformando, assim, em grandes propriedades. Nessas terras, seus donos eram os senhores de engenho, dono e proprietário. E o daqui era conhecido por Sr. Cardoso, que não queria ninguém na mata que pertencia ao seu engenho e, quando isso acontecia, ele chamava policiais da cidade de Nazaré da Mata para vir pegá-los. Com o passar dos tempos. Meu pai também contava a história de que esses negros moravam numa vila de casa de palhas. Os proprietários das terras eram todos de pele branca, mas, com o tempo, dividiu uma parte dessas terras para cada família plantar. Mas os negros viviam lá isolados, né! E, com o passar do tempo, se *misturou.*

Sobre a aristocracia branca que detinha o poder na época, ressalta que seus pais contam que

> Esse povo aí [...] sabia que tinha esse aglomerado de negros e, muitas vezes, pressionavam e atacavam. Assim, meu pai contava que eles queimavam as barracas deles que eram de palha, onde se escondiam na mata. Só que aqui tinham brancos que eram separados deles, mas, com o tempo, se *misturou*. Hoje, Trigueiros, além de toda essa história, conta-se ainda que, com o tempo, surgiu uma herança de três irmãs, e que, com tempo, foi doada ***pra*** construção da igreja, que foi reformada. Mas, na verdade, ela foi do ano de 1700.

Fazendo a análise de sua trajetória, foi perguntado sobre momento marcante em sua história, ao que o Sr. Goiô conta que

> Um fato que me lembro desses quarenta anos foi quando eu era menino e morava longe e, quando vinha *pra* escola a pé, não tinha merenda e quase desmaiava na escola de fome. Tudo era muito mais difícil nesta época, por volta de 1964, como também aconteceu outro fato horrível que chamou muita atenção aqui em Trigueiros. Foi um acontecimento triste, foi assim [...] aqui tinha uma professora, que eu não lembro mais o nome. Ela era de Carpina, e o amante dela tinha uma namorada que morava em São Lourenço da Mata. Só que a professora estava grávida e ele não queria que outra soubesse que era dele. Daí, ele resolveu trazer ela *pra* morar aqui em trigueiros, isso *pra* esconder da família. Mas o que ele fez? Ele a levou lá *pras* bandas da mata da Usina Barra e matou ela a pedrada. Nesta época, era só o que tinha por aqui: muitas pedras na região. Só que as pessoas encontraram o corpo de uma mulher, enterraram numa rede. Isso se passou uns dias, até que desconfiaram de um rapaz chamado Valdomiro. A polícia foi investigar e descobriu, na

> verdade, que quem cometeu o crime da professora foi o próprio amante dela. Tudo isso *pra* namorada dele não descobrir que ela estava grávida. Outro fato importante que acontecia aqui era porque havia muito catimbozeiro. O pai da minha mulher é crente da [igreja] Batista, mas ele era um dos catimbozeiros daqui da comunidade. O povo aqui não lia a bíblia... Às vezes, eu mesmo ia também (risos). Aquele batuque *animadin.* Aqui, antigamente, muita gente frequentava. Até eu ia. Um dia fizeram uma festa aí, umas comidas. Era a festa dos exus, e ainda disseram que "tu não vai deixar de beber nunca mais". E, realmente, eu bebi que só um babau. [...] Trigueiros era mais famoso, porque todos praticavam candomblé. Eles, os feiticeiros, tinham o altar do demônio e faziam aquelas coisas deles. Tinha Luiz Pereira, Dinho de Bainho, Sr. Antônio do Catimbó (mas morreu crente). Hoje, não tem mais ninguém que eu saiba. Se tiver, faz isso lá por fora. Podemos dizer que a questão religiosa aqui em Trigueiros está representada pela maioria de crente.

A expressão "crente" faz referência às marcas preconceituosas de lidar com o credo da comunidade. No caso, com evidências às religiões de matriz africana. Gomes reflete postura compatível, quando ressalva que

> O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor de pele, tipo de cabelo, etc. Ele é, por outro lado, um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005, p.52).

Também questionado pelo rendimento familiar e atividade para subsistência, Sr. GoiÔ relata que:

> Meus pais contavam que aqui, em Trigueiros, era uma fonte de sobrevivência era muito grande. Isso aqui era um centro comercial. O povo de Ribeiro Grande, Pombal e Cardoso, vinham pra cá. Aqui, tinha os Henrique. Eles eram comerciantes. Havia armazém, porque aqui se plantava algodão, lojas de tecidos... Trigueiros era uma grande produtor de algodão e tudo que era colhido era levado pra Campina Grande, na Paraíba. Minha família, já no período da minha infância, e os moradores dependiam da cana de açúcar. Como sempre morava em sítio, aqui era obrigatório plantar milho e pisar *pra* criar a galinha, plantar macaxeira, batata, outras coisas. E, neste tempo, meu pai colhia tanta fava no mundo que minha mãe saia dando *pra* os vizinhos. Neste tempo, a terra era muito boa e adubada no braço. Já na adolescência foi ficando complicado. Neste tempo, eu li uma coisa. Não lembro se foi em um livro ou em algum frasco de biotômico, que dizia que "o homem precisava ter morada fixa" e foi a partir daí que fui me organizando.

O aluno fez a seguinte pergunta:

Na sua época havia muita violência?

Goiô: "Não. Muito pelo contrário. Dava pra dormir do lado de fora. Mas, hoje em dia, aparecem muitos estranhos. Só aquele fato horrível que aconteceu aqui. Mas veja: foi quando eu era menino."

> Guardo boas lembranças da minha infância, quando minha professora, que era muito católica, levava a gente até *pra* bater o sino. E, na escola, a professora era muito boa, porque ela contava muitas histórias e fazia até umas dramatizações com a gente. Tem a história de seu Nicolau, que foi um comerciante pirangueiro que morava aqui na comunidade, que gostava muito de farras e juntava muitas moedas e objetos usados por todo lugar dentro de casa. Até que ele era uma pessoa boa, mas, numa destas festas, Nicolau com um de seu punhal, pra lá de bêbado, encarou o amigo e com o punhal intimidava todos. Certa vez, morreu um de seus cavalos e ele, como era de costume, chegou a fazer até uma procissão. Chamou todos os colegas que bebiam com ele *pra* levar o animal *pra* ser enterrado numa vala, ou seja, um enorme buraco perto de formigueiro. Quando voltaram do enterro, a festa continuou com muita bebida e animação até o anoitecer. Era normal ele fazer três dias de festa aqui na comunidade quando um animal dele morria.

Senhor Goiô relata que nunca sentiu algum tipo de preconceito em relação à convivência com a cidade, sempre houve uma relação harmoniosa. Vejamos: "Não sofremos preconceitos em relação ao povo da cidade. O relacionamento entre o povo daqui e o povo da cidade era bom."

Nos relatos, os moradores acrescentam gestos, expressividades, intencionalidade, conforme emoções que os fatos despertaram em suas memórias. Destaca-se nestes momentos o ritmo dado às narrativas, nas quais as suas vozes expressam em emoções as lembranças de épocas, lugares, pessoas entre outros.

NARRATIVA ORAL VI

Comunidade Quilombola de Trigueiros: Identidade Cultural




Inês Joana da Conceição
Fonte: Bernardo (2020).

O espírito de consciência de grupo é essencial para manter o espírito identitário do grupo, fortalece a busca de elementos que mantêm vivas suas memórias.

Inês Joana da Conceição, reside em Trigueiros há 47 anos, retrata reverência ao título da comunidade, constrói uma ilustração dessa grandeza, ao ressignificar os valores e a cultura de seus antepassados.

Questionada sobre se considerar quilombola, responde: "todinha, né. Eu acho importante. Fazer o quê?" Também acrescenta que, mesmo convivendo com a escassez de infraestrutura, é muito feliz. E demarca momentos de sua infância: "Naquele tempo, a brincadeira era de coco de roda, *ané*, e bicho nas *noite* de Lua cheia, então... Agora, mudou muita coisa. E, aqui, o Terreiro de catimbó era respeitado. E eu gostava de ir muito. Lá, eu dançava, me sentia igual a todo mundo." O trabalho na lavoura garantia o sustento da família: "A gente trabalhava plantando milho, feijão, banana, batata e macaxeira e mandioca...era uma terra boa pra se plantar, mas *veio* as *cana-de-açúcar*, né minha fia, e tomou conta de tudo."

Em determinado momento, emocionada, conta que as memórias eram contadas em histórias, passadas de pai para filho, e é lembrança dos moradores até os dias de hoje. Relata:

> meu avô e o meu pai, ele contava muita histόra pra gente, e tudo que me dizia a gente tá vendo aí. Ele dizia: "olha, minha filha, eu não vou *arcançar* as coisas que, no fim dos tempos, vai acontecer. Mas quem for vivo vai ver. E agente tá vendo muitas coisas agora."

Considera como herança a aptidão em ser rezadeira:

> *Derna* deu pequena, eu fui criada com minha madrasta, porque minha mãe morreu. Ela dizia que quando eu *sacorda*, vivia benzendo o povo assim [..] com ramo de mato, e nisso eu fiquei. Aí, eu fui crescendo e lá tinha um homem que rezava. Aí, eu via a reza dele. Daí, aprendi com ele.

No decorrer do diálogo, ainda mais sensibilizada com as recordações, comenta que

> as músicas de antigamente era diferente das de hoje. Aqui, no sítio, tinha um terreiro bem grande e, com a lua bonita, *arrente* entrava nos sítios, formava aquela grande roda de coco e era noite todinha "agente vai pro alto, e de lá ver bem, ver a casa do sogro, do namorado também." E, assim, arrente ia (risos)." Que essa terra era conhecida como do candomblé na região. Algumas lembranças como buli do catimbó, " lá vem tu buli com catimbó (risos). Aqui existia sim! Eu era fã, eu era de dentro, eu vivia dentro do samba e, *quandi* o pai de santo chamava Zé *Pilintra*, ai eu já estava na área (risos). Agora, não tem mais isso aqui em Trigueiros. *Cabousse* foi tudo.

Quando questionada sobre as comemorações, como celebravam datas marcantes, Dona Inês respondeu que:

> A festa aqui em Trigueiros era muito boa: tinha muita ciranda, *Cuma* é

[pensando]... Era no tempo de João Joca. Aí, tinha o *pastori* do adulto, o *pastori* da infância, o *presepi* na casa de farinha. Tinha um homem que apresentava aquele mamulengo, o cavalo *marin*, era assim. Tinha um homem tocando e ele no meio imitava. A festa aqui era a de janeiro, a festa de *Rei* e a de São Sebastião, que é a da igreja. Era a mais bonita de Trigueiro. E ainda tinha *bassoura* elétrica. Quem sustentasse a *bassora* ganhava 100 conto, 50 conto. Mas, quem segurava (risos), se ela era na energia, né?!Eles não demorava aqui, porque tinha muitos lugar *pra zele iri* e *disarmar* tudo.

Deixando claro em discurso os diversos desafios que existem na comunidade, como são os obstáculos para minimizar as injustiças, a relação com a cidade era harmoniosa. Todavia, alguns fatores mudaram o cenário. Nessa perspectiva, relata que

Eles nos respeitavam e não tinham preconceito, porque, como aqui tinha muitos terreiros, eles *frequentava* e *tinha* liberdade *pra* ir participar de todo ritual. Mas, com a chegada dos *crente*, foi acabando tudo isso. *Zeles* não *respeitava* e tinha preconceito com a gente.

Hoje, aqui, são tudo crente e continua sem querer saber dessa *históra* que aconteceu aqui, onde, antigamente, em cada rua tinha uma casa de catimbó, ou uma rezadeira. *Zele* hoje é quem manda aqui e nós, que *somo católico, ficamo* indo rezar *us* terço e quando tem, né. Mas, aqui, *nois vive* em paz, *graça* a Deus.

NARRATIVA ORAL VII

Comunidade Quilombola de Trigueiros e a Relação de Pertencimento





Benedito José da Silva
Fonte: Bernardo (2020).

Sr. Mito, artesão da região, ainda preservava o uso de matéria-prima original para a confecção de objetos utilitários. Reside em Trigueiros há cerca de 51 anos e destaca sua consciência de identidade quilombola, quando afirma que "Sim. *Me* considero uma pessoa quilombola, porque vejo muitas oportunidades e benefícios."

Sr. Mito relata que sua infância foi dura, "foi apenas de trabalho no roçado", que a agricultura era o fator de sustentabilidade na região. Logo, a agricultura familiar era mola propulsora da economia local, toda renda era distribuída no comércio local (venda). Acrescenta, ainda, os fatores que minimizam a circulação dos moradores para o lazer ou outras atividades.

Lembra da tranquilidade e que a violência não era tão presente, como se pode observar no trecho a seguir: "[...] Naquele tempo, a gente fazia as compras na venda, sem medo de ser assaltado, e saia *pra* qualquer lugar sem medo e preocupação [...]" Assim, pode-se constatar os riscos que se enfrenta atualmente.

Percebe-se que a vida nos pequenos centros urbanos está sendo afetada pela violência existente nas grandes cidades. Muitos indivíduos vão a esses locais para praticarem roubos, procurar usuários para venderem drogas e, assim, conseguem deixar os moradores assustados, salientando-se que não existe força policial nestas pequenas comunidades.

NARRATIVA ORAL VIII

Comunidade Quilombola de Trigueiros e o resgate cultural



Gilvan Correia da Silva
Fonte: Bernardo (2020).

Gilvan Correia da Silva, conhecido na região como Seu Mano, relata se considerar

quilombola e acrescenta que a vida quilombola é representada “pela cultura, danças, bonecas de pano, quadro de pintura, jarros, artesanatos que representam nossa comunidade.”

Questionado por momentos marcantes de sua infância, relata a pesca e a caça como referência desse tempo, que a fonte de sobrevivência era “o corte da cana, limpando mato *pra* ganhar dinheiro *pra* poder sustentar a família.”

Menciona que não havia a violência que se vê hoje, como também a forte lembrança do período onde a harmonia era presente em cada aperto de mão e saudação dada a quem passasse do lado, o que demarcava o respeito existente entre as pessoas daquela Comunidade.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Tema: Narrativas orais

Objetivo da proposta: Conhecer as histórias da Comunidade Quilombola de Trigueiros por meio das narrativas orais dos moradores.

Procedimento:

- Organizar o cronograma das entrevistas com os moradores e orientar sobre o seu passo a passo;
- Formar grupos de 04 a 05 alunos (sugestão), onde cada um escolherá um morador a ser entrevistado;
- Acompanhamento dos grupos pelo professor, discutindo com os alunos acerca do material coletado e sua relevância para a comunidade em relação as memórias;
- Orientar os alunos quanto aos registros que devem ser feitos por meio de gravações de áudio/ vídeo e demais ferramentas digitais.

Roteiro das entrevistas: a entrevista deverá ser formada por 03 (três) blocos.

O primeiro bloco deve abranger as perguntas de autoidentificação, como: nome, endereço, cor, data de nascimento, religião e grau de escolaridade.

No segundo bloco, os questionamentos devem seguir uma ordem cronológica para que o entrevistado comece a organizar a lógica das possíveis narrativas que dizem respeito ao tempo de residência na comunidade, trajetória de vida, marcos na vida pessoal, religiosa e cultural dentro da comunidade. Salientamos que cabe ao entrevistador acuidade para colher o máximo de informações.

No terceiro bloco, as perguntas devem ser relativas às vivências do presente e a projeção do futuro.

Salientamos a importância da escuta ativa das narrativas, uma vez que os professores acompanharão todo o processo. Após toda a estratégia metodológica, sugerimos que a culminância dessas vivências seja realizada de formas diversificadas, como: apresentação de vídeos, podcast, quiz, produção textual, contos, dramatizações etc.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. S. **Educar para regenerar a raça:** processos de racialização dos alunos das escolas primárias de Pernambuco. 1. ed. Recife: EDUPE, 2018.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembrança de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

JOLLES, A. **Formas Simples**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

NELSON, C.; TREICHER, P. A.; GROSSBERG, L. *et alli.* Estudos culturais: uma introdução. *In:* SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTHIAGO, R. **História oral na sala de aula.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2015.

EPÍLOGO

No intuito de contribuir para o desenvolvimento, fortalecimento e organização política educacional da Escola Alfredo Gomes de Araújo, e tentando preservar a continuidade da identidade étnico-cultural, através da educação continuada de professores que atuam numa comunidade de estudantes remanescentes de quilombolas, surgiu essa proposta de intervenção social.

Para isso, foram abordados os seguintes conceitos teóricos: historicidade no contexto de formação do professor quilombola, onde apresentam-se as principais leis da educação nacional, como a LDB, BNCC, Lei 10.639, Diretrizes Curriculares Nacionais Escolares, o Plano Municipal de Educação do Município de Vicência, a Proposta Curricular da escola Alfredo Gomes de Araújo e o Projeto Político Pedagógico da referida unidade escolar.

Através do levantamento teórico, constata-se que, apesar existir a garantia dos direitos à educação quilombola nas diversas leis, já mencionadas, elas não eram colocadas em prática nas unidades escolares do município de Vicência, exceto na escola Alfredo Gomes de Araújo, situada na Comunidade Quilombola de Trigueiros, pelo fato dessa possuir uma proposta curricular própria, com um Projeto Político Pedagógico bem estruturado e que contempla a garantia do respeito aos direitos de preservação da identidade e da memória da Comunidade Quilombola.

Pensar e praticar uma educação que contemple as relações étnico-raciais no interior de uma comunidade negra significa dar corpo a outros saberes mais abertos, que tragam dinamicidade e consistência aos saberes fechados, que constituem, em complementariedade, o conhecimento a ser produzido na escola. Assim, defende-se uma concepção de educação e de aquisição de conhecimentos que comunguem dos interesses emancipatórios, pelos quais as comunidades quilombolas vêm lutando desde o período escravista. Todavia, isso, sem dúvida, requer a promoção de uma leitura de mundo que valorize a história do grupo.

Coube-nos também demonstrar a importância da proposta Curricular trabalhada da escola Alfredo Gomes de Araújo, por esta contemplar os seguintes eixos norteadores: relações étnico-raciais (Lei nº 10.639/2003), identidade, cultura, violência, meio ambiente, terra, cidadania, políticas públicas, agricultura familiar, gênero e etnia.

A cultura, vista nesta concepção, é uma forma de produção cujos processos estão intimamente ligados à estruturação de diferentes formas sociais, particularmente aquelas relacionadas à raça, gênero e classe. Para construir uma aprendizagem significativa, a educação brasileira precisa resgatar a historicidade da origem de cada grupo étnico.

Em relação à questão da identidade e cultura quilombola, resgata-se Silva (2000) e Hall (2006), que enfatizam que a identidade é algo formado, no decorrer do tempo, vai se construindo e mantendo as características próprias em cada comunidade. Assim, pensar a identidade de um povo implica buscar compreender os valores subjacentes da lógica, do pensamento e de sua vivência cultural.

A cultura, por sua vez, é construída independentemente das classes sociais envolvidas. Desse modo, não se pode eleger uma cultura melhor que outra, porque cada uma contém suas especificidades. Todas são ricas e complexas em aspectos diferentes. Ressalte-se, ainda, que as relações entre os indivíduos e os grupos produzem identidades culturais que, muitas vezes, são negadas e/ou desvalorizadas.

No que se refere à memória, demonstra-se que nela ficam registrados os conhecimentos, cada fato fica depositado, como uma relíquia da verdade em forma de palavra, das imagens e dos sentidos, pois a memória transfigura as emoções já vividas, pois é nela que o passado fica registrado.

Aborda-se, também, a necessidade e a importância da formação continuada de professores e professoras se fazer presente em toda rede, em todas modalidades de ensino, como apoio significativo, porque as formações são direcionadas, visando promover discussões entre os envolvidos, fundamentadas nas teorias pós-críticas que os despertem para aderir à novas metodologias na sala de aula.



Fonte: A autora (2022).

Sueli Jorge da Silva Bernardo

Possui mestrado em Educação (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco – PPGE/UPE. É Pós-graduada em Linguística Aplicada à Língua Portuguesa, também pela mesma instituição - UPE - *Campus* Mata Norte (1998). Atuou como Professora Tutora do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, com os componentes curriculares Língua Portuguesa e Português Instrumental. É professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Alfredo Gomes de Araújo - Vicência-PE. É simpatizante das causas quilombolas e atuou na Gerência do Núcleo Pedagógico - Anos Finais – da Secretaria de Educação de Nazaré da Mata e atualmente é Professora Articuladora Territorial na Educação do Campo - GRE Mata Norte- Polo Buenos Aires . http://lattes.cnpq.br/4480632382232795

Quilombo de Trigueiros

e suas

Narrativas Memoráveis

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023



Quilombo de Trigueiros

e suas

Narrativas Memoráveis

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023